



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para
o Ensino de Geografia
Campina Grande – novembro/2016

REFLEXÕES SOBRE A PRÁXIS NO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA

Laurindo Francisco Duarte Filho
Graduando em Geografia pela UFCG
laurindoduarte9@gmail.com

Clisiane de Souza Mota
Graduanda em Geografia pela UFCG
clisycz@hotmail.com

Meiriane Lima
Graduanda em Geografia pela UFCG
meiriane_1_s@hotmail.com

RESUMO

A práxis na formação de professores vem se tornando um assunto cada vez mais discutido e abordado nas instituições escolares e Instituições de Ensino Superior, em todos os seus níveis e modalidades, visto que a formação do educador é um fator essencial para o ensino e a aprendizagem dos alunos. A busca pela formação de profissionais qualificados, competentes, compromissados e valorizados, traduz-se uma luta da sociedade civil organizada e concretizada em políticas públicas de educação, culminando na formação de cidadãos criativos e críticos. Descrevemos a importância do estágio curricular supervisionado para a formação docente, como meio de conhecer a realidade escolar, a partir de uma visão dialética buscando superar a fragmentação entre a teoria e prática, constituindo o exercício da práxis e visando à formação da identidade profissional através da reflexão, do diálogo e da intervenção em sala de aula.

Palavras-chave: Formação Docente – Práxis - Estágio Supervisionado.

Introdução

É de fundamental importância analisar o processo de formação docente nos dias atuais, pois há distanciamento entre a formação profissional acadêmica e o campo de atuação profissional, o ambiente escolar. Isto implica dizer que a formação docente exige uma cultura científica com apoio nas ciências humanas e sociais, no que se refere à educação, a disposição de realizar pesquisas e análises de situações educativas de ensino e, o exercício pleno da docência em contextos institucionais escolares e fora da escola.



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

Campina Grande – novembro/2016

Como sabemos, a formação docente vem sendo constantemente debatida nas instituições escolares e acadêmicas, pois a formação inicial e continuada do educador é um fator extremamente essencial e obrigatório por parte do Estado ao exercício da docência e, por conseguinte para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

A existência de profissionais qualificados, competentes, compromissados e valorizados, culmina em ganhos positivos para a sociedade em geral, pois esta passa a ser integrada por cidadãos criativos, críticos e atuantes, diante das novas exigências do mundo técnico, científico informacional, cujas marcas expressam avanços qualitativos, porém marcados pela competição, concorrência e exclusão.

Atualmente, um desafio a ser enfrentado na formação de professores é refletir sobre a proposta de modelos de ensino, e ainda mais, a idéia de um modelo único de ensino, pois a heterogeneidade dos sujeitos da escola e as diversidades de práticas pedagógicas, por exemplo, são elementos que consubstanciam a dinâmica do cotidiano escolar. Trata-se de um momento no processo de redefinição da profissão e da compreensão da práxis.

Para essa redefinição do profissional docente, é necessário estar atento as mudanças que estão sendo exigidas do profissional da educação, estar aberto também aos conhecimentos que se produzem nesta área e que é essencial para o fortalecimento da profissão e, para a própria sobrevivência do educador, pois se exige cada vez mais, a necessidade de inovar, e de criar novas estratégias e metodologias de aprendizagem.

As reflexões aqui contidas referem-se as experiências coletivas obtidas durante a formação docente em vigência, no Curso de Licenciatura em Geografia, do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) nos períodos 2015.1 a 2016.1.

2. O Estágio Supervisionado na Formação Docente



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia Campina Grande – novembro/2016

A formação docente de qualidade voltada para o campo de atuação profissional possibilita, dentre tantas outras questões, o contato direto dos estudantes de licenciaturas com o ambiente escolar, lócus de sua futura atuação docente no qual se pode vivenciar a relação entre dois aspectos indissociáveis, a teoria (conhecimento obtido no curso de licenciatura) e a prática (aplicação do conhecimento obtido no contexto escolar).

Durante a realização das disciplinas de práticas de ensino e de estágios observamos as distintas formas como os professores organizam e ministram suas aulas, pautadas em práticas pedagógicas, promovendo a interatividade com os alunos, momentos esses que pudemos presenciar, atuar junto com o grupo e refletir acerca dessas práticas e realidades do ensino-aprendizagem que ocorre na escola e na sala de aula, adquirindo exemplos de boa regência, como também, buscar perceber as situações de conflitos na sala de aula. Essas aprendizagens consubstanciam a formação docente e contribui para que nos preparemos para lidar com fatos e acontecimentos quando estivermos exercendo essa profissão docente.

Na Academia, durante o transcorrer da Graduação as experiências de práticas de ensino geralmente se restringem à formalidade do Projeto Pedagógico de Curso (PPC), pois ocorre por ocasião das disciplinas de Práticas de Ensino e de Estágios Curriculares Supervisionados percebendo-se a dissociação entre a prática e a teoria, o que pode ser observado durante a formação inicial docente, conforme afirma Pimenta (2001, p. 21):

Por isso se costuma denominá-lo a parte mais prática do curso, em contraposição às demais disciplinas consideradas como a parte mais teórica. Estágio e disciplinas compõem o currículo do curso, sendo obrigatório o cumprimento de ambos para obter-se o certificado de conclusão.

Contudo, mesmo por ocasião dessas disciplinas, ainda se percebe um caráter burocrático, formal, no tocante ao exercício dessas práticas, pois por vezes ocorre uma preocupação exacerbada com a observação pragmática, positivista, quantitativa, deixando-se à parte o olhar reflexivo acerca do cotidiano escolar e a importância do estágio como exercício da práxis.

Kulcsar (2001) apresenta o Estágio Supervisionado como um elemento fundamental na formação docente, tanto na relação trabalho-escola como também na relação teoria e prática, e mais ainda, o estágio não deve ser encarado como algo



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

Campina Grande – novembro/2016

burocrático realizado somente como prática obrigatória, mas sim que tenha como função principal a prática escolar, de maneira mais dinâmica e produtora, para que assim possa haver mudanças no processo de formação, conforme afirma Kulcsar (ibidem, p. 64-65) o qual considera o estágio como sendo,

uma parte importante da relação trabalho-escola, teoria-prática, e eles podem representar, em certa medida, o elo de articulação orgânica com a própria realidade. Na colocação escola-trabalho, pode-se perceber a importância do Estágio Supervisionado como elemento capaz de desencadear a relação entre pólos de uma mesma realidade e preparar mais convenientemente o aluno estagiário para o mundo do trabalho, desde que a escola e trabalho façam parte de uma mesma realidade social e historicamente determinada. Mas, para que isso ocorra, o Estágio não pode ser encarado como uma tarefa burocrática a ser cumprida formalmente, muitas vezes desvalorizada nas escolas onde os estagiários buscam espaço. Deve sim, assumir a sua função prática, revisada numa dimensão mais dinâmica, profissional, produtora, de troca de serviços e de possibilidades a abertura de mudanças.

Nos primeiros anos da graduação do curso de Geografia, o saber acadêmico, por vezes se limita à teoria, e esta, muitas vezes distancia-se da realidade do dia a dia escolar. Considerando a importância da teoria para o processo de formação docente, chamamos a atenção que toda teoria advém de uma prática e, portanto, dela necessita para a promoção da reflexão crítica sobre as práticas dos sujeitos.

Diante disso, surge a indagação acerca da qualidade da formação na Graduação, e se esta forma professores de Geografia para o exercício competente da função, e se são capazes da transformação de suas vidas e da escola, conforme afirma Passini (2007, p. 19):

Estamos em busca de uma parceria para que haja colaboração mútua entre as duas instituições, no sentido de que nas pesquisas em ensino tomemos a realidade da escola básica como objeto de investigação, possamos analisá-la à luz de teorias da ciência geográfica e da didática, para, lado a lado, discutirmos possibilidades de mudanças (p.19).

Temos aí um estreitamento da relação universidade-escola, o que pode beneficiar o ensino-aprendizagem, além de promover interatividade e troca de conhecimentos, por exemplo. A Universidade ao se aproximar da escola, levaria um novo saber, um saber científico, acadêmico e atualizado sobre os mais diversos assuntos, enquanto a escola pública ao se aproximar das universidades, além de



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

Campina Grande – novembro/2016

proporcionar um novo objeto de estudo, traria consigo uma prática fundamental em um processo de formação docente, pois promove interatividade de novos saberes, considerando a importância de o educador ser eterno aprendiz que busque uma formação profissional contínua, inovadora, segundo afirma Carvalho e Perez (2001, p.111):

Um dos resultados significativos provenientes das pesquisas em formação de professores é o que indica um dos obstáculos para o professor adotar uma atividade docente inovadora e criativa, além da já discutida falha no mínimo de conteúdo, são suas ideias, sobre ensino e aprendizagem, as ideias do senso comum.

No âmbito da educação falar sobre formação docente implica, inicialmente em definir o que se entende por formação. Estar se formando significa a procura constante dos novos ramos dos conhecimentos, e que não se consegue concluir essa etapa, tendo em vista que tudo se transforma e as experiências adquiridas e vivenciadas são únicas.

Para isso, os cursos de Licenciaturas precisam cada vez mais oferecer, além de conhecimentos científicos, atividades práticas de qualidade, sob forma de estágio, como também, o estágio supervisionado, que tem por obrigação colocar em exercício a articulação entre a teoria e a prática, o que consolida a práxis na formação docente.

Esta reflexão sobre a totalidade do trabalho docente na educação básica que recebe os profissionais formados em distintas instituições de ensino superior perpassa a lógica do saber instrumental, e indo além, consideramos que se este saber/fazer for tomado solitariamente como objeto principal e neutro nesse processo de vida escolar, ocultará dimensões que concorrerão para a manutenção de uma escola reprodutivista e não-crítica, formando professores em cursos de licenciaturas que reafirmem a sua opinião, com discursos sobre a realidade vivida e, ao mesmo tempo negando-a na materialização de influências descontextualizadas.

O Estágio Supervisionado na formação de professores tem sido alvo de grandes estudos que revelam suas dificuldades e seu potencial, gerando transformações na vida dos licenciandos. Segundo Pimenta e Lima (2004, p. 76), o estágio “é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia-a-dia”.



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

Campina Grande – novembro/2016

A formação de professores é influenciada por inúmeros fatores, que devem ser estudados adequadamente para que, assim, se possa intervir de maneira construtiva na formação dos licenciandos que futuramente estarão regendo atividades didáticas em sala de aula. Essa formação, segundo Nóvoa (Apud Cabral & Angelo: 1997, p.25) “deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de auto formação participada”.

Ao tratar da temática formação dos professores para a Educação Básica, Pimenta (2001, p. 39) observa uma distância entre o processo de formação inicial dos professores e a realidade encontrada nas escolas e, ainda chama a atenção para um problema que há tempo vem se instaurando no processo de formação profissional de professores, que diz respeito à relação entre a teoria estudada nas Universidades e a prática desenvolvida no ambiente profissional, na escola, e entre a formação e o trabalho. Para a autora (2002, p. 76):

A formação de educador não se constrói apenas por acumulação de cursos, de conhecimentos ou de técnicas, mas por meio de um trabalho de reflexão/ação crítica sobre as práticas e de uma (re) construção constante de uma identidade pessoal.

A formação dos educadores deve ser sempre submetida à reflexão, considerando que o professor é uma importante ligação entre os conhecimentos historicamente construídos e os educandos. Pimenta (2002) afirma que uma das demandas mais importantes dos anos noventa, em relação à atividade docente, é, exatamente, repensar a formação inicial e continuada de professores, a partir da análise das práticas pedagógicas docentes, ou seja, do seu cotidiano escolar. Segundo Lima (2001, p. 47), “a prática sempre esteve presente na formação do professor”, seja pela observação, imitação de bons modelos e participação em contextos escolares.

3. A Práxis docente durante a Formação Inicial

No intuito de articular teoria e prática, formando o professor-pesquisador e possibilitando o estágio enquanto espaço da práxis docente, o estágio caracteriza-se



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

Campina Grande – novembro/2016

como um aprendizado desde seu início, pela observação, pesquisa, prática de regência, dentre outros que consolidam esta atividade como componente curricular.

Segundo Passini (2011, p. 36), “a aula é um momento muito rico de significados; toda aula de todos os graus de ensino é um acontecimento social e cultural com diferentes sujeitos que reconstroem coletivamente novo saber”. Portanto, o estágio é o ponto de partida para a prática docente. Para a autora, o conhecimento não está no sujeito, não está no objeto, ele é construído na coordenação entre eles.

As colocações apontam para o formar reflexivo o ser pode ser influenciado e moldado de acordo com suas vivências e a sua inter-relação com o meio em que vive. Assim também o Professor precisa da prática para “exercer a docência de forma crítica e criativa, buscando sempre a consonância do ensino e da pesquisa na sua práxis docente” (Santos, 2013).

Tardif (2002, p. 52) apresenta três concepções de prática:

A primeira, ele considera a prática enquanto arte; a segunda, enquanto técnica; e, finalmente, a terceira concepção, na qual nos ateremos que considera a prática educativa enquanto interação que privilegia o desenvolvimento de uma consciência profundamente social, uma vez que os educadores, em sua ação, não trabalham com coisas e nem com objetos, mas com os seus semelhantes dotados, também, de liberdade.

Sendo assim, a prática é contextualizada e, de certa forma, não manipulada pelo docente, uma vez que a simples presença do aluno em sala não é garantia da eficácia e da eficiência da prática profissional do professor. O interesse e o ânimo dos protagonistas, (professor e aluno), são fundamentais para o desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem, do qual o professor se coloca apenas como mediador na construção de conhecimentos.

Para Lima (2001, p. 67), “a prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão pode reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria”. No entanto, continua a autora, a prática deve ser entendida como práxis, ou seja, deve ser uma maneira teórico-prática e humana, transformadora da realidade.

O assunto mais recorrente quando a temática é a formação de professores é a relação teoria e prática, a práxis, base da formação docente, no entanto, objeto de muitas dúvidas quanto a sua estrutura e constituição. Os estudos e leituras realizados a que



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

Campina Grande – novembro/2016

tivemos acesso até o momento no Curso, apontam para a necessidade de que o Estágio Supervisionado supere o limite do empírico, das atividades isoladas com objetivo de cumprir a carga horária, e passe a se desenvolver em todas as etapas da formação docente.

Sendo assim, o Estágio Supervisionado passa a ter uma função fundamental que não é apenas levar os conhecimentos teóricos ao campo da prática, mas compreendê-los, reelabora-los, pensando a realidade vivida pelo futuro professor dentro do seu campo de atuação, e fazer uma reflexão de todo o percurso feito até o presente momento, para assim continuar sua trajetória da maneira correta.

A teoria não se desvincula da prática, e vice-versa, considerando que o conhecimento que é desenvolvido em sala de aula é teórico-prático na medida em que para ensinar o professor constitui algumas relações necessárias para ampliar os seus conceitos e suas relações com o aluno. Desse modo, esses dois momentos (da teoria de da prática) não são assíncronos. Segundo Pimenta (1994, p. 56),

A atividade docente é práxis, lembramos que a aversão entre teoria e prática só ocorre em bases falsas, pois a não passagem da atividade teórica para a atividade prática implica a negação da teoria, do mesmo modo que uma prática esgotada de teoria não ultrapassa a barreira do senso comum. Sendo assim, ambas caminham juntas, pois é a teoria que esclarece e enriquece a prática e esta dá novas significações à teoria.

Nesta visão, é descartado o pragmatismo que se prende tão somente à utilidade, e que aponta como critério da verdade o êxito da ação prática do homem feito indivíduo, conforme afirma Vazquez (1990, p. 25):

A prática como fundamentação da teoria deve transformar o social. Por outro lado, a teoria não é apenas uma justificativa para uma prática. A teoria pode adiantar-se à própria prática, influenciando seu desenvolvimento para uma prática transformadora.

Diante disso, para determinar as características da formação contínua partimos da organização de relações que abrangem a prática dos professores: o conhecimento, a instituição de ensino, o coletivo, os alunos, a organização escolar, as relações de trabalho, a política educacional na sociedade e o momento histórico que estamos



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

Campina Grande – novembro/2016

vivendo. Todos esses elementos se tornam fundamentais para o desenvolvimento de uma práxis que deve ser aplicada de forma clara e correta, para facilitar a aprendizagem dos educandos. Defendemos, então, a ideia de que “[...] formação contínua é o processo de articulação entre o trabalho docente, o conhecimento e o desenvolvimento profissional do professor, enquanto possibilidade de postura reflexiva dinamizada pela práxis.” (LIMA, 2001, p. 45).

Diante do que foi analisado, a indissociabilidade entre teoria e prática, faz com que o trabalho docente se torne algo reflexivo que enriquece a ação-reflexão-ação. E o objetivo principal desta união é instrumentalizar o professor para a construção de uma práxis pedagógica que o conduza e o oriente a fazer com que seus alunos sejam capazes de intervir e transformar a sociedade da qual faz parte, sendo cada vez mais participativo e crítico diante de certas situações impostas pela sociedade. De acordo com Pimenta (2001, p. 16), “a atividade teórica por si só não leva à transformação da realidade; não se objetiva e não se materializa, não sendo, pois práxis. A prática também não fala por si mesma; teoria e prática são partes constituintes da práxis”.

Assim sendo, a oposição entre teoria e prática se apresenta de várias formas, pois a teoria se coloca livre da aplicação da prática, em que não reconhece na prática a possibilidade de complementação de si mesma, no entanto a prática não considera por si mesma, precisa da teoria pra completá-la. Nessa perspectiva, Fávero (2001, p. 103) propõe a construção de um conhecimento dialético, “em que a teoria e prática sejam consideradas como um núcleo articulador no processo de formação a partir do trabalho desenvolvido com esses dois eixos de forma integrada, indissociável e complementar”.

Portanto, acredita-se que o estágio precisa caminhar nessa direção, ou seja, numa visão dialética, onde professores/orientadores e alunos/acadêmicos possam argumentar, discutir, refletir e dialogar as práticas vivenciadas na escola. Pensar na formação docente é pensar na reflexão da prática e numa formação continuada, onde se realizam saberes diversificados e diferenciados, que seja saberes teóricos ou práticos, que se transformam e confrontam-se com as próprias experiências dos profissionais de educação.



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

Campina Grande – novembro/2016

Acredita-se que é através desses confrontos e diálogos que acontece a troca de experiências e onde o professor reflete sua prática pedagógica. Segundo Barreiro e Gebran (2006, p. 22) “a aquisição e a construção de uma postura reflexiva pressupõe um exercício constante entre a utilização dos conhecimentos de natureza teórica e prática na ação e a elaboração de novos saberes, a partir da ação docente”.

A ação-reflexão na formação docente ajuda na compreensão e entendimento entre teoria e prática, pois tendo uma análise/reflexão na prática haverá também uma busca de conhecimentos teóricos, nos quais colaborarão para a prática.

Pimenta e Gonçalves (apud Pimenta & Lima: 2004, p. 45) “consideram que a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará” [...] as autoras defendem “uma nova postura, uma redefinição do estágio, que deve caminhar para a reflexão, a partir da realidade”. Diante destas reflexões, podemos compreender que os autores têm uma visão bem ampla sobre a importância do estágio, sendo que o mesmo proporciona uma ligação entre teoria e prática e a aproximação da realidade, tendo um papel essencial para a formação docente. Frente a esse embate, pode-se dizer que o estágio é um momento de aprendizado que se pode efetivar.

Cabe ao educador e ao futuro profissional em educação, a partir das formações que lhes promovidas desenvolver habilidades que combine teoria e prática, consolidando a práxis conforme as diversas situações em que o ensino vem ocorrendo, ou seja, ele tem que traçar objetivos do que se pretende alcançar com determinada técnica, ou método, articulando sempre teoria, prática e habilidades desenvolvidas. O professor precisa ter esse conhecimento científico, conhecimento prático e também um conhecimento técnico.

Portanto, qualquer profissional, como também o professor, aprende sim, pela observação, imitação e reprodução daquilo que é observado, através do estágio. Porém, é preciso reflexão analítica sobre aquilo que se faz e conhecimento teórico-prático. Neste processo, é de fundamental importância que o professor tenha consciência de sua prática e ação pedagógica, pois são elas que vão determinar suas atividades desenvolvidas dentro da escola.



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia Campina Grande – novembro/2016

A partir das práticas e estágios vivenciados em nossa formação docente percebemos que não deve ser suficiente apenas uma fundamentação teórica bem alicerçada na formação do professor, mas faz-se necessário a prática alicerçada com uma boa fundamentação teórica associada às práticas e que elas não ocorram apenas na escola básica, mas também na Academia. Uma formação pautada na busca constante, não apenas do saber, mas também do fazer, estando cada vez mais presente a ação - reflexão no dia-a-dia do professor, para que ele não se acomode e avalie sua prática apenas na busca de um melhor saber e de um melhor fazer.

Nesse sentido, “não é possível que o professor tenha uma prática investigativa se sua formação não priorizou a investigação a partir da análise, da reflexão, da crítica e de novas maneiras de se educar” (BARREIRO; GEBRAN, 2006, p. 25). Dessa forma, para esses autores, busca-se com o estágio, a superação da separação entre teoria e prática, e ao mesmo tempo, transformar o estágio em pesquisa e investigação teórico-prática. Assim, o estágio oferecerá ao acadêmico a aproximação da realidade e iniciativas para pesquisa.

Considerações

Pensar no papel do estágio nos cursos de formação de professores é uma tarefa difícil, porém deixa-se claro que um bom professor não se faz apenas com teorias, mas principalmente com a prática, e mais ainda, pela ação-reflexão, diálogo e intervenção, em busca constante de um saber teórico e saber prático. Como também, o saber docente não é só formado pela prática, mas nutrido pelas teorias.

É essencial que a educação seja vista como fator de desenvolvimento e transformação humana. Para tanto, um ponto crucial é que os cursos de formação orientem seus professores para que eles convivam com seus alunos, observando seus comportamentos, conversando, questionado e indagando suas experiências, a fim de auxiliar, orientar para o desenvolvimento e aprendizagem nos momentos de estágio, formando um professor comprometido e consciente de sua prática em sala de aula.



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia Campina Grande – novembro/2016

Além disso, os cursos de formação e os professores devem considerar que o estágio é um momento de ensino-aprendizagem do fazer pedagógico, possibilitando habilidades de pesquisa e investigação do ambiente escolar e conhecimentos relacionados à teoria, tendo como fio norteador a “ação-reflexão”. Faz-se necessário também, o comprometimento por parte dos alunos para que desenvolvam os estágios com essa finalidade.

Referências

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de ensino: elemento articulador da formação do professor**. IN: BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

CARVALHO, A.M.P. de (Org.). **Ensinar a Ensinar: Didática para a Escola Fundamental e Média**. São Paulo; Ed. Pioneira Thompson Learning, 2001.

FAVERO, Maria de Lurdes. **Universidade e Estágio Curricular: Subsídios para discussão**. IN: ALVES, Nilda (org.). **Formação de professores: pensar e fazer**. São Paulo: Cortez, 2001.

PICONEZ, Stela C. Bertholo (Coord.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado: a aproximação da realidade escolar e a prática da reflexão**. IN: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes [et al]; PICONEZ, Stela C. Bertholo (Coord.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas-SP: Papyrus, 1991.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Filosofia da práxis**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

PIMENTA, G. Selma. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática**. 3º. ed. São Paulo, Cortez, 1997.

CABRAL, Vilmaria Luiza Almeida; ANGELO, Cristiane Borges. **Reflexões sobre a importância do estágio supervisionado na Prática docente**. 2010.